



PENTATEUCO





LIÇÃO 1

PENTATEUICO

Livros da Lei de

Moisés



LIÇÃO 1: PENTATEUCO

APRESENTAÇÃO

O termo Pentateuco é o vocábulo grego usado para indicar os cinco primeiros livros da Bíblia: Genesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio que são chamados “Livros da Lei de Moisés” (2 Cr 25.4; Ne 8.1).

A Palavra “Pentateuco” deriva do grego “pente”, (cinco) “teuchos”, volume, rolos ou livro. O nome originou-se com a famosa tradução do Antigo Testamento chamada Septuaginta, feita do idioma hebraico para o idioma grego, no terceiro século antes de Cristo.

Pentateuco é uma maneira adequada de identificar esses livros. Em virtude dos séculos de uso, ele está profundamente enraizado na tradição cristã. Entretanto, um termo mais preciso e informativo é Torá (hebraico Totah). Esse nome está baseado no verbo yarah, ensinar. Torah é, portanto, ensino. A descrição do Pentateuco como torah, “instrução”, revela de imediato o seu propósito: educar o povo de Israel acerca de sua identidade, sua história, seu papel entre as nações da terra e seu futuro.



LIÇÃO 1: PENTATEUCO

APRESENTAÇÃO

O Pentateuco contém informações acerca de temas como a criação, o como a distribuição e dispersão de povos e nações. Moisés é o autor do Pentateuco (Ex 24.4; Nm 33.2; Dt 31.9,24-26; Jo 1.17; Mc 12.19; Lc 20.28).

A autenticidade do Pentateuco tem sido muito discutida, especialmente pelos modernistas, que negam ter ele sido escrito por Moisés, mas, até o presente, não apresentaram outro autor. A maior prova que temos é a autenticação de Jesus (Jo 5.46; 7.19; Mc 7.10; 12.26; Lc 24.44). Além dessas provas irrefutáveis de que o Pentateuco é de autoria de Moisés, temos neste particular as evidências internas e externas.

As evidências internas “...que consistem nas declarações do próprio texto bíblico ao ser investigado”. E as externas: “a crença universal e milenar dos judeus – os escritores e guardiões da Bíblia; o testemunho da Ciência, como da arqueologia bíblica e da crítica textual, e ainda o testemunho dos primitivos líderes da Igreja”



LIÇÃO 1: PENTATEUCO

APRESENTAÇÃO

Os mais abalizados escritores e estudiosos do assunto são unânimes em afirmar que Moisés é o autor dos primeiros cinco livros da Bíblia.

Além de tudo, Moisés recebeu a revelação divina, tornando-se assim um instrumento de Deus (Nm 12.6-8; At 7.38). Essa revelação abrange o tempo passado, o presente e também o futuro. “Isto explica como Moisés podia escrever da sua própria morte” (Dt 34). – Se não fosse assim, teria escrito como?

Ninguém estava presente, só Deus e Moisés.





LIÇÃO 1

GÊNESES

“O Princípio”



LIÇÃO 1: GÊNESIS

APRESENTAÇÃO

O livro de Gênesis recebe seu nome da versão grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), que o chamou Gênesis, termo que significa começo. É uma tradução precisa de bereshit, a primeira palavra no livro hebraico. O título é muito bem adequado ao conteúdo do livro, pois é este diz respeito da origem divina de todas as coisas, sejam matéria, ou energia, seres vivos ou inanimados. Isso significa que, com exceção de Deus, todas as coisas remontam ao ponto de partida em que os planos e as obras de Deus tomaram forma. Bereshit demonstra que Deus criou “os céus e a terra” como o primeiro ato da criação (Gn 1.1).

As tradições judaica e cristã tem imposto de modo quase genérico a autoria de Gênesis a Moisés. Gênesis é o único livro do Pentateuco que não menciona Moisés nem indica algo sobre sua autoria. A omissão pode ter acontecido porque os últimos acontecimentos do livro precedem Moisés em vários séculos.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

AUTORIA

O livro foi escrito por Moisés. Como conseguiu os elementos? Seria mera coleção de documentos antigos? É uma recordação escrita dos ensinamentos tradicionais? Pensam, assim, muitos e isso não é tão impossível como alguns imaginam.

Sem dúvida, Deus comunicaria a Adão esse conhecimento. Adão, por sua vez, transmitiu a Metuselá, e este a Noé, naturalmente a Sem e Sem narrou, o que conhecia, a Abraão que o revelou a Isaque e, em linha de sucessão, esse conhecimento veio a Moisés.

Em Atos 7.37-38 se dissipa toda a dúvida quanto a origem do livro; foi recebido das mãos de Deus por Moisés – nasceu no Monte Sinai.

A narração é tão simples, tão semelhante a verdade, tão consistente nos mínimos detalhes, tão correta nas suas datas, tão imparcial nas biografias, tão segura nos pontos filosóficos, tão pura em sua moralidade, tão benévola em seus desígnios que não deixa campo para a menor dúvida quando se afirma que jamais poderia ter origem humana.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PROPÓSITOS

Os temas que ligam Gênesis ao restante do Pentateuco tornam claros os seguintes propósitos:

- Deus havia revelado a Abraão que ele receberia a terra de Canaã (Gn 12.1, 5, 7; 13.15), que seus descendentes deixariam essa terra de opressão para retornar à terra da promessa (15.16).
- Essa terra seria deles para sempre como uma arena dentro (a partir) da qual se tornariam instrumento de bênçãos para todas as nações da terra. José entendeu isso e viu em sua própria peregrinação no Egito a preservação de seu povo por Deus (45.7-8). Deus o tinha enviado para lá a fim de salvá-los de serem extintos física e espiritual (50.20). Viria o tempo, disse, em que Deus se lembraria de sua promessa a Abraão, Isaque e Jacó e os faria retornar a Canaã (50.24).

O elo com Êxodo é evidente no chamado de Moisés para liderar seu povo do Egito à terra prometida (Êx 3.6 -10, 16-17; 6.2-8).



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PROPÓSITOS

O privilégio deles como nação da aliança – um “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.6) – lembra a promessa de Deus de que iria abençoar as nações por intermédio de Abraão (Gn 12.3; 22.18). A renovação da aliança nas campinas de Moabe repete os mesmos temas. O Senhor estava para guiar seu povo para dentro de Canaã a fim de que a possuíssem como herança (Dt 4.1; 5.33; 7.1, 12-16; 8.1-10; 9.5; 11.8-12,24-25). Ali eles o serviriam como agentes da redenção, um catalisador em torno do qual as nações seriam reconciliadas com Deus (Dt 4.5-8; 28.10).

A mensagem teológica de Gênesis, porém, vai além dos interesses limitados de Israel. Gênesis de fato dá a razão de ser de Israel, mais do que isso. Explica a condição do homem que clama por um povo da aliança. Isto é, revela os grandes propósitos criativos e redentores de Deus que têm seu foco em Israel como agência de recriação e salvação.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PROPÓSITOS

Os propósitos iniciais e eternos de Deus são esboçados em Gênesis 1.26-28. Deus criou o homem e a mulher como sua imagem para abençoá-los de tal maneira que eles exercessem em nome dele o domínio sobre toda a criação. Os temas-chave da teologia bíblica e de Gênesis são, portanto, a bênção de Deus e o domínio humano debaixo do reinado de Deus.

A queda da humanidade no pecado subverteu o objetivo de Deus de bênção e domínio. Necessitava ser desenvolvido um processo de redenção desse estado de queda e de restabelecimento da aliança inicial com Deus. Isso se concretizou em forma de escolha de Abraão por cuja descendência poderiam ser cumpridos os propósitos de Deus da criação.

Obviamente, Israel fracassou como povo-servo, fracasso este já previsto na Torá (Lv 26.14-39; Dt 28.15-68). Os objetivos de Deus não podem, porém, ser frustrados, por isso, um remanescente se levantou da nação, por fim, reduzido a um único descendente de Abraão – Jesus, o Cristo – que cumpriu em vida e morte os propósitos redentores de Deus.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PROPÓSITOS

A igreja existe agora como seu corpo a fim de servir, assim como Israel foi escolhido e redimido para servir.

O povo de Deus do Antigo Testamento serviu como modelo do reino do Senhor e como o instrumento que tornou possível a realização da obra reconciliadora sobre a terra por intermédio do seu povo do Novo Testamento.

A teologia de Gênesis, portanto, é envolvida pelos propósitos do reino de Deus que, em seu objetivo último, apesar dos fracassos humanos, não pode ser impedido de manifestar a sua glória mediante sua criação e soberania.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PECULIARIDADES DO LIVRO DE GÊNESIS

▮ O Dilúvio

O dilúvio catastrófico narrado em Gênesis 6 ao 9, como julgamento de Deus sobre a terra é mencionado em outros lugares no Antigo Testamento (Gn 10.1, 32; 11.10; Sl 29.10; 104.6-9; Is 54.9) e no Novo Testamento (Mt24.38-39; Lc 17.26-27; Hb 11.7; 1Pe 3.20; 2Pe 2.5; 3.3-7). O fato de haver mais versículos dedicados ao dilúvio que à criação (Gn 1-2) ou à queda (Gn 3) indica a importância do relato.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PECULIARIDADES DO LIVRO DE GÊNESIS

▮ O Relato do Antigo Testamento

Devido a grande maldade dos homens (Gn 6.5, 11), Deus resolveu destruir todos os seres vivos (6.13), exceto o justo Noé e sua família (6.9,18). Deus instruiu Noé a construir uma arca de madeira de cipreste (6.14)“madeira de gofer”. Ele disse a Noé para sua família e sete pares de todas as espécies puras e dois de cada espécie impura de animais, aves e seres rastejantes, junto com provisões para o tempo que o dilúvio duraria (6.18-21; 7.13). As chuvas duraram quarenta dias e noites, cobriram “todos os altos montes que havia debaixo do céu” (7.19) e destruíram todas as criaturas vivas na terra (7.21-23). Quando Noé e sua família saíram da arca após um ano e dez dias, ele construiu um altar e ofereceu sacrifícios a Deus (8.14-20). Deus abençoou Noé e sua família (9.1) e fez a aliança, prometendo que não destruiria novamente a terra com dilúvio (8.21; 9.11). Deus enviou o arco-íris como sinal visível dessa aliança (9.12-17).



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PECULIARIDADES DO LIVRO DE GÊNESIS

▮ As Alianças

A aliança do Sinai oferece a melhor ilustração de uma aliança. O povo de Israel concordou em aceitar os termos do relacionamento que Deus ofereceu (Ex 19.5-6; 24.3). Em suas proclamações os profetas posteriores frequentemente colocavam Israel sob julgamento por não cumprir seus compromissos nessa aliança (Jr 11.10; Ez 16.59; Os 8.1). Em épocas de avivamento espiritual, o povo de Israel reafirmava seu compromisso com a aliança (Dt 5.2-3; Js 24; 2Rs 23.3; 2Cr 15.12).

As Escrituras apresentam um número razoavelmente grande de alianças. Muitas foram instituídas pelo Deus vivo e verdadeiro. As principais alianças de Deus incluem as que foram feitas com Noé (Gn 9.9-17), Abraão (Gn 15.18; 17.2), Moisés (Ex 19.5-6), Davi (2Sm 23.5; cf. 7.12-16) e a nova aliança de Jeremias 31.31-34.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

PECULIARIDADES DO LIVRO DE GÊNESIS

▮ As Alianças

O conteúdo das alianças é mais importante do que sua forma. O conteúdo de todas essas alianças divinas apresenta unidade, continuidade e um tema estrutural. O modo muda, já que existem diferentes “sinais” de aliança (por exemplo, o arco-íris no caso de Noé, a circuncisão no caso de Abraão), tipos de aliança e “pessoas” às quais a aliança se destina. Se mantivermos o olhar sobre seu conteúdo, veremos como o plano eterno de Deus se desenvolveu, tanto para nossa redenção quanto para uma vida bem-sucedida.

Uma fórmula de três partes serve como resumo de relacionamento por aliança com Deus: Eu serei seu Deus, vocês serão meu povo e habitarei no meio de vocês. Deus estaria no meio de seu povo e este seria sua propriedade especial (cf Gn 17.7; Ex 6.6-7; 19.4-5).



LIÇÃO 1: GÊNESIS

O MODELO DE FÉ DE ABRAÃO

O texto mais importante da Bíblia a respeito da fé pode muito bem ser em Gênesis 15.6: “Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça”. Nessa fórmula simples estabeleceu-se o padrão de fé para todas as épocas, povos e crenças. Deus continua a oferecer salvação pelas mesmas vias, ou seja, pela graça mediante a fé – por mais nada.

Por que o comentador de Gênesis espera até o capítulo 15 para nos falar da fé de Abraão? De acordo com Hebreus 11.8-9, Abraão deixou a cidade de Ur dos caldeus, no sul da Mesopotâmia, “pela fé”, 25 anos antes dos acontecimentos de Gênesis 15. A resposta está no fato de que durante os 25 anos que correspondem a Gênesis 12-14, a promessa da terra teve precedência. Quando a questão da promessa de um filho e de uma descendência apareceu em Gênesis 15, Abraão tinha cem anos, e sua esposa Sara noventa. Deus recusou-se a permitir que Abraão adotasse seu servo Eliézer, de Damasco, como filho legal. Deus ainda daria a Abraão e Sara seu próprio filho natural, conforme havia prometido.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

O MODELO DE FÉ DE ABRAÃO

Neste contexto aparece a questão a respeito do que significa crer em Deus. Qual era, então, o objeto da fé de Abraão? Única e simplesmente a fé no Prometido que viria por meio da descendência de Abraão. A fé de Abraão tinha o mesmo objeto que a nossa deve ter, o Cristo prometido.

A fé de Abraão tem alguma diferença em relação da fé justificadora do crente do Novo Testamento? Não. Em princípio ela permanece a mesma. Isso não significa, é claro, que Abraão tinha o mesmo entendimento pleno acerca de nosso Salvador e sua obra expiatória como nós temos. Ainda assim, subsistem a semelhança e o padrão. Tanto o crente do Antigo Testamento quanto o do Novo Testamento necessitavam por sua confiança na mesma pessoa, Cristo, o descendente prometido à mulher (Gn 3.15), a Abraão (Gn 15.5) e a nós (Gl 3.16, 29).



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A LUTA DE JACÓ PELAS PROMESSAS

Isaque exerceu o papel de um elo passivo com as promessas de Deus a Abraão. Em contrapartida, Jacó o mais novo filho de Isaque, lutou no decorrer de sua vida pelo melhor que Deus havia prometido.

▮ **A Luta pela Bênção (26.34 – 28.9)**

Esaú ainda conservava sua posição como herdeiro das promessas da aliança em sucessão a Abraão e Isaque. Mas quando ficou claro por meio de seu casamento com mulheres hititas que ele era indigno do privilégio da aliança, sua mãe Rebeca pôs-se a substituí-lo pelo irmão Jacó.

Quando chegou o dia de Isaque designar Esaú como beneficiário das bênçãos prometidas de Deus, Jacó apareceu em seu lugar. Estando já cego, Isaque foi enganado e concedeu sua bênção irrevogável. Jacó conseguiu assim o direito de primogenitura e da bênção. Embora o modo pelo qual os adquiriu não tenha sido honroso, o Senhor havia predito o triunfo de Jacó por ocasião do nascimento dos gêmeos. Enfurecido por esse desenrolar dos acontecimentos Esaú planejou matar seu irmão. Rebeca instou com Jacó para que fugisse para Padã-Arã, sua terra natal.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A LUTA DE JACÓ PELAS PROMESSAS

▮ A Fidelidade de Deus quanto às suas Promessas (28.10-22)

O cuidado atento de Deus se torna claro em Betel, onde Jacó encontrou o Senhor num sonho. Ele se revelou a Jacó como o Deus de seus pais, aquele que daria continuidade nas promessas da aliança através dele.

▮ A Luta Continua (29.1 – 31.55)

Encorajado desse modo, Jacó foi até Hará, onde pleiteou junto ao seu tio Labão o direito de se casar com suas filhas Lia e Raquel. A promessa de Deus de muitos descendentes iniciou a se cumprir com Jacó se tornando pai de onze filhos e uma filha na luta das esposas por filhos. Em sua luta contra o astuto tio Labão, Jacó se tornou próspero, além de suas mais fantásticas expectativas. Raquel se uniu a Jacó na luta contra Labão roubando-lhe os ídolos do lar. Com Labão decidido a se vingar, só a intervenção divina num sonho trouxe um final pacífico na sua luta com Jacó.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A LUTA DE JACÓ PELAS PROMESSAS

▮ A Volta à Terra Prometida

Finalmente, após vinte anos, Jacó voltou para sua terra natal. No caminho, ficou sabendo que Esaú vinha ao seu encontro (32.3-8). Temendo que seus próprios esforços para salvaguardar-se da vingança de Esaú fossem insuficientes, Jacó suplicou ao Senhor que o livrasse (32.9-21). O Senhor apareceu novamente a Jacó, dessa vez em forma de adversário humano (32.22-32). Impressionado com sua luta persistente, o “homem” abençoou Jacó com uma mudança de nome (de Jacó para Israel, príncipe de Deus). O enganador (no idioma hebraico ya akob) havia se tornado nobre, apto para governar por meio da autoridade de Deus soberano. O encontro com Esaú logo a seguir foi pacífico (33.1-17). De fato, Jacó viu no perdão de Esaú o reflexo da face de Deus.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A LUTA DE JACÓ PELAS PROMESSAS

▮ Reafirmação das Promessas

Jacó viajou para Betel, novamente nos passos de Abraão(35.1-7). Ali, como tinha acontecido antes, Jacó viu o Senhor numa visão e recebeu ainda outra promessa da presença de Deus e bênção (35.9-12). Ele seria pai de nações e reis e herdaria a terra de seus pais. A lista de seus descendentes imediatos (35.23-26) atesta o começo do cumprimento da promessa. Mesmo Esaú, que teve que se conformar com uma bênção secundária (27.39-40), deu origem a um povo poderoso (Gn 36).



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A LIBERTAÇÃO MEDIANTE JOSÉ

O papel de Israel como povo da promessa estava sendo colocado em risco pela aceitação dos baixos padrões morais dos cananeus nativos. O incesto entre Rúben e a concubina de seu pai (35.22) dá uma ideia dessa transigência moral. O casamento de Judá com a cananeia Sua e o seu caso posterior com sua nora Tamar torna claro o perigo. A fim de preservar seu povo, Deus removeu os israelitas desse ambiente pecaminoso para o Egito, onde poderiam amadurecer e se tornar a nação da aliança, condição para a qual ele os estava preparando.

Isso explica a história de José. Seus irmãos o venderam para o Egito a fim de se livrarem do irmão sonhador. Deus, no entanto, usou essa expressão de ódio como oportunidade para salvar Israel tanto da fome física como da extinção espiritual. A ascensão de José na posição de autoridade no Egito, em cumprimento de seus sonhos dados por Deus, ilustra a bênção do Senhor sobre o seu povo. A sabedoria de José no Ministério da Agricultura do Egito é mais um cumprimento da promessa de Deus: “abençoarei os que te abençoarem”.



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A LIBERTAÇÃO MEDIANTE JOSÉ

Ficou comprovado que o que parecia uma série de disparates e injustiças nas experiências terrenas de José era, na verdade, Deus agindo nas sombras para demonstrar sua obra soberana do reino entre as nações.

Ninguém tinha mais consciência disso do que José, pelo menos nos últimos anos. Depois de se revelar aos irmãos, ele disse: “Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento” (45.7). Anos mais tarde, após a morte de Jacó, quando os irmãos de José temiam por sua vingança, ele lhes lembrou: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer [...] que se se conserve muita gente em vida” (50.20). A tragédia humana havia se tornado ocasião para triunfo de Deus. O último desejo de José – ser sepultado na terra da promessa – olha para diante, para a futura tragédia da experiência de escravidão de Israel, e antecipa o triunfo de Deus no êxodo (50.22-26).



LIÇÃO 1: GÊNESIS

A MENSAGEM PARA HOJE

Uma contribuição evidente do livro de Gênesis ao mundo moderno é a sua explicação sobre as origens das coisas que não poderiam ser entendidas de nenhuma outra maneira. Ou seja, ele tem valor científico e histórico, mesmo que este não seja seu propósito principal.

Mais fundamentalmente, Gênesis lida com a essência do significado do fato de os seres humanos terem sido criados à imagem de Deus. Quem somos nós? Por que existimos? O que devemos fazer? A não consideração dos planos de Deus para a humanidade tem resultado em pensamentos e ações caóticos, sem propósito. Em última análise, a vida sem o verdadeiro conhecimento da natureza humana imagem de Deus, e da função humana na administração da criação de Deus, é uma vida sem sentido. Quando alguém vive o resto de seus dias à luz de Gênesis, vê a vida em contato e harmonia com o Deus do universo. O domínio de Deus se torna uma realidade na medida em que os seres humanos se conformam com os objetivos de Deus para a sua criação. Gênesis resume as intenções do Criador.



LIÇÃO 2

ÊXODO

“Saída”

LIÇÃO 2: ÊXODO

APRESENTAÇÃO

Êxodo é o segundo livro da Bíblia cujo significado é saída, foi o título que a Septuaginta, tradução grega antiga do Antigo Testamento, deu ao segundo livro da Torá. Enquanto Gênesis registra em seus últimos capítulos o estabelecimento das tribos de Israel no Egito, a morte de Jacó, e a morte de José, o livro de Êxodo descreve a saída do povo hebreu do Egito, mostrando como Deus tirou os filhos de Israel da escravidão; relata a história da redenção pelo sangue e a entrega da Lei à comunidade.

Alguns interpretes entendem que as declarações contidas em Êxodo apontam Moisés como o autor da forma final do livro. Exceto por Êxodo 1.1-2.10. A primeira seção, com certeza, pode ter chegado a ele por fontes escritas ou orais. O restante do livro traz todos os indícios de ter sido composto como um diário registrado na medida em que os vários acontecimentos ocorriam. O autor, portanto, designa Moisés como o editor final de uma coletânea de memórias. Outros interpretes veem o livro de Êxodo como um produto da reflexão inspirada de muitas gerações do povo de Deus que trabalharam para discernir o significado do evento do êxodo para o culto e para a vida prática.



LIÇÃO 2: ÊXODO

O MODELO DA NOSSA REDENÇÃO

Nossa salvação obedece ao plano elaborado por Deus antes da fundação do mundo, o modelo, o encontramos em Êxodo.

Êxodo é o quadro histórico que reflete a obra da Graça de Deus na redenção e restauração do homem pelo próprio Deus para Si mesmo, por meio de Jesus Cristo. A história do Êxodo vive em todas as almas que almejam libertar-se da influência corruptora do mundo. Os fatos narrados no livro são figuras e foram escritas para nossa admoestação. Estudamos o livro de Êxodo para compreender o método de Deus na salvação do pecador, e os gloriosos propósitos desse mesmo Deus na realização dessa tarefa.



LIÇÃO 2: ÊXODO

PROPÓSITOS

O ponto alto teológico de Êxodo aparece em 19.4-6, que esboça a verdadeira natureza de Israel e seu lugar no plano de Deus. Javé havia julgado os egípcios, libertado seu povo “sobre asas de águias” e o aproximara dele mesmo no Sinai. Ali o Senhor ofereceu a Israel uma aliança. Se fosse aceita e vivida, a aliança faria com que Israel fosse “propriedade peculiar”, escolhido como “reino de sacerdotes” e “nação santa”. O povo aceitou esses termos e jurou: “Tudo o que o SENHOR falou faremos” (19.8). Para Israel, ser reino de sacerdotes implicava que o povo de Deus atuaria como mediador e intercessor, pois esse é o âmago da função sacerdotal.

Israel tornar-se-ia um povo de servos, servos de Javé, cuja tarefa era ser um canal de reconciliação. Essa missão já fora prenunciada na aliança em que os descendentes de Abraão (Israel) foram apontados como o meio pelo qual todas as nações da terra seriam abençoadas. O chamado de Israel para a aliança era fundamentado, não em seu mérito, mas na livre escolha de Deus: “vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim”.



LIÇÃO 2: ÊXODO

MOISÉS

Moisés foi o grande líder, legislador, profeta e juiz de Israel. Deus levantou Moisés para liderar a nação, livrando-a da escravidão egípcia e fazendo-a entrar na terra que fora prometida séculos antes a Abraão. Moisés também foi mediador da lei de Deus perante seu povo. Sua história é narrada nos livros de Êxodo, Números e Deuteronômio e talvez ele seja o personagem mais importante do Antigo Testamento.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença de Deus com seu Povo Oprimido (1.1-22)

A história de êxodo inicia recordando o relato contido em Gênesis, da descida de Jacó e seus filhos ao Egito e sua permanência ali até depois da morte de José (Gn 46-50). A ligação com Gênesis recorda aos leitores que Deus enviou Israel ao Egito para livrá-lo da fome. A prosperidade e sucesso dele em sua nova terra mostra que Israel era beneficiário das bênçãos de Deus para a criação e para Abraão (Ex 1.1-7).

Mas a hospitalidade egípcia não sobreviveu muito depois de José, dentro de uma geração ou duas antes do nascimento de Moisés, transformou-se em amarga hostilidade e opressão. Israel foi subjugado a trabalho forçado e por fim sujeito à matança de seus recém-nascidos de sexo masculino. Mesmo nos anos de opressão, Deus estava com Israel, fazendo-o prosperar. O Senhor havia revelado a Abraão que sua descendência sofreria opressão, mas que sua servidão seria suspensa por um grande redentor. A experiência de escravidão não foi um desastre que provou a irrelevância de Deus; foi só uma parte do plano redentor do Senhor da história.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença de Deus com Moisés (2.1-22)

A presença salvadora de Deus é evidente no começo da vida de Moisés, o agente humano do livramento de Deus. Os pais levitas de Moisés o salvaram de morte cruel, escondendo -o num cesto no rio Nilo (2.1-10). Resgatado pela filha do faraó, Moisés foi criado pela própria mãe, que o apresentou ao Deus de Israel.

Ainda que mais tarde tenha desfrutado os privilégios da corte real, Moisés jamais esqueceu sua herança israelita. Ao ver um compatriota hebreu ser maltratado, foi em seu socorro, matando assim o oficial egípcio (2.11-14). Esse ato impulsivo, embora heroico, forçou Moisés ao exílio em Midiã. Ali Moisés foi ajudar as filhas de Reuel (Jetro), sacerdote midianita. Moisés casou-se com Zípora, uma das filhas do pastor (2.15-22).



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- Deus Revela sua Presença a Moisés (2.12 – 4.17)

A morte do antigo rei do Egito abriu caminho para o retorno de Moisés a fim de conduzir seu povo à liberdade (2.23-25). Mas primeiro o Deus eterno tinha de revelar-se a Moisés fazendo uma demonstração convincente de seu poder e propósitos. Deus o fez no monte Horebe (Sinai), na sarça ardente que não se consumia (3.1-12). Nessa manifestação maravilhosa, o Senhor identificou-se como o Deus dos ancestrais de Israel, aquele que tinha consciência do sofrimento de seu povo e agora vinha para cumprir a promessa de livramento e da terra prometida. A resposta foi como Javé, o “Eu Sou”, que os redimiria e viveria entre eles (3.13-22).

Moisés sentiu-se despreparado para a missão dada por Deus. O ponto crucial não era o “quem sou eu?” de Moisés, mas o “eu serei contigo” de Deus. Moisés duvidou que o povo aceitasse sua liderança ou cresse em seu relato sobre a experiência da sarça ardente. Assim, Javé lhe deu evidência tangível de sua presença e bênção, transformando o bordão de pastor de Moisés numa serpente e fazendo sua mão ficar leprosa.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença de Deus com Moisés no Egito (4.18 –13.16)

Moisés finalmente rendeu-se a Deus e retornou ao Egito com esta mensagem ao faraó: “Israel é meu filho, meu primogênito [...] deixa ir meu filho, para que me sirva” (4.22, 23). No trajeto, Javé encontrou-se com Moisés e ameaçou matá-lo porque ele, que estava para conduzir o povo circuncidado de Israel, falhara, deixando de circuncidar o próprio filho. Só a rápida intervenção de Zípora, o salvou, pois ela logo circuncidou o filho em obediência às exigências da aliança (4.18-26).

Nos limites do deserto Moisés encontrou Arão. Juntos, entraram no Egito para enfrentar os anciãos de Israel. Depois de Moisés relatar tudo o que Deus havia dito e feito, os anciãos e o povo ouviram com fé e se curvaram diante do Senhor (4.27-31).

A pergunta do faraó, “quem é o SENHOR para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel?” (5.2), prepara o palco para o conflito que domina a cena até Êxodo 15. Antes de terminar o drama da redenção, o faraó “conheceria o SENHOR” e se submeteria à sua poderosa presença salvadora.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença de Deus com Moisés no Egito (4.18 –13.16)

Javé renovou sua promessa de estar com Israel no livramento, promessa baseada de modo seguro no próprio nome da aliança, Javé (6.2-9). Deus ordenou que Moisés voltasse ao faraó com a promessa de que o monarca egípcio ficaria sabendo que havia uma autoridade maior. Moisés seria como o próprio Deus para faraó, e Arão seria seu profeta. Por seus atos poderosos de julgamento, Deus se faria conhecer aos egípcios.

Diversas vezes Moisés e Arão ordenaram ao faraó que deixasse o povo de Deus sair do Egito para prestar culto. Apesar dos sinais, maravilhas e pragas que revelaram a presença poderosa do Senhor, o rei do Egito não se abrandou. Na primeira rodada do conflito, o bordão de Arão tornou-se numa serpente que engoliu as dos magos egípcios (7.8-13).

Seguiram-se três pragas. O Nilo foi transformado em sangue (7.14-25), a terra ficou cheia de rãs (8.1-15) e o Egito foi afligido por piolhos (8.16-19). Os próprios mágicos do faraó conseguiram repetir os dois primeiros feitos, de maneira que ele não se impressionou.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença de Deus com Moisés no Egito (4.18 –13.16)

Mas o faraó pediu que Moisés e Arão orassem: “Rogai ao SENHOR que tire as rãs de mim e do meu povo” (8.8). A praga dos piolhos, a última da primeira rodada, excedeu os poderes mágicos dos magos egípcios, fazendo-os confessar: “Isto é o dedo de Deus” (8.19).

Na segunda rodada do conflito, a praga das moscas (8.20-32) demonstrou que Javé estava presente no Egito. Nessa praga, a grave doença do gado (9.1-7) e os tumores (9.8-12), Deus fez distinção entre os egípcios que sofreram o julgamento de Deus e os israelitas, que gozaram de sua proteção (8.23; 9.7, 11).

A terceira rodada do conflito consiste igualmente em três pragas. Antes de enviar o granizo (9.13-35), o Senhor afirmou que só ele é o Senhor da história. Javé havia levantado o faraó com o propósito expresso de demonstrar seu poder grandioso e proclamar seu santo nome (9.16). O faraó, porém, voltou a endurecer o seu coração. As pragas de gafanhotos (10.1-20) e densas trevas (10.21-29) seguiram-se inutilmente.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença de Deus com Moisés no Egito (4.18 –13.16)

A quarta e decisiva rodada do conflito consistiu em uma única praga – a morte do primogênito de cada família no Egito.

Finalmente o faraó permitiu que Israel deixasse o Egito com suas ovelhas e gado (12.31-32). A estrutura de êxodo 11-13 delineia a importância teológica permanente dessa praga final. Aqui o linguajar da narrativa que relata acontecimentos salvadores únicos (11.1-10; 12.29-42; 13.17-22) alterna-se com um linguajar institucional aplicável ao culto contínuo de Israel (12.1-28, 43 –13.16). A celebração da páscoa, a consagração dos primogênitos e a festa dos pães asmos servem como memoriais contínuos daquilo que Deus fez para redimir seu povo. Os primogênitos de todas as famílias de Israel pertenciam ao Senhor porque ele os poupou quando dizimou as famílias do Egito (13.11-16).



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença Exigente de Deus (19.1 – 24.18)

Diversas vezes no relato das pragas Moisés transmitiu a mensagem de Deus ao faraó: “Deixa ir o meu povo, para que me adore (ou sirva)”. Finalmente é chegado o momento de culto possibilitado pelo êxodo e pela libertação. No Sinai, Israel devia comprometer-se com Deus em aliança. Javé baseou seu chamado ao compromisso por aliança em seus atos poderosos de livramento (19.4). Só por meio da obediência da aliança de Deus Israel podia cumprir sua função como “reino de sacerdotes e nação santa” (19.5-6).

O povo foi unânime em concordar com suas condições, de maneira que Moisés preparou-se para subir o monte Sinai a fim de celebrar solenemente o acordo. Quando Moisés estava para subir, Javé desceu, visitando o monte com relâmpagos e trovões de sua presença gloriosa. Moisés alertou o povo a respeitar a presença santa (e potencialmente perigosa) de Deus no monte.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A PRESENÇA SALVADORA DE DEUS

- A Presença Exigente de Deus (19.1 – 24.18)

Seu primeiro trecho é um preâmbulo que apresenta aquele que estabelece a aliança, o próprio Deus (20.2a). Em seguida, um prólogo histórico esboça o já decorrido relacionamento das partes e justifica a presente aliança (20.2b). Segue-se então a divisão conhecida como as estipulações gerais, nesse caso, o Decálogo ou Dez Mandamentos (20.3-17). Após um breve interlúdio narrativo, o livro da aliança fornece as estipulações específicas do tratado.

A aliança sinaítica também teve seu sacrifício, selando o voto com sangue e com uma refeição de aliança (24.9-11). A aliança ou os textos do pacto também tinham de ser preparados em duplicata e preservados em lugar seguro para leitura regular, periódica. Assim, Moisés desceu da montanha com tábuas de pedra que deviam ser guardadas na arca da aliança.



LIÇÃO 2: ÊXODO

PECULIARIDADES DO LIVRO DE ÊXODO

O livro de Êxodo não fornece dados específicos que associem de modo definitivo os acontecimentos bíblicos com acontecimentos ou pessoas específicas no Egito. Só sabemos de “novo rei” (Ex 1.8) “que não conhecera José”, um “faraó” sem nome (Ex 1.11, 19, 22; 2.15) e um “rei do Egito” (Ex 1.15; 2.23). Também se sabe que o faraó da opressão morreu (Ex 2.23) e não foi o faraó do êxodo (Ex 4.19).

As duas primeiras correntes identificam o faraó do êxodo como o faraó da (1) Dinastia XVIII (1500-1321 a.C.) ou (2) da Dinastia XIX (1321-1205 a.C.). A primeira é chamada “data remota” e a outra, “data posterior”.

Em 1Rs 6.1 e Juízes 11.26 comenta que se passaram 300 anos desde a entrada de Israel em Canaã até o início do governo do juiz Jefté. Ambos os textos colocariam o êxodo em 1446 a.C. e a conquista, quarenta anos depois, em 1410-1400 a.C. Também fariam de Tutmés III o faraó da opressão (1490-1436 a.C., conforme datado por Albright, Wright e Pritchard, ou 1504-1450 a.C., conforme datado pela Cambridge Ancient History). Nesse caso, Amenotep II seria o faraó do êxodo.



LIÇÃO 2: ÊXODO

A MENSAGEM PARA HOJE

O livramento do êxodo está para o Antigo Testamento assim como a morte e ressurreição de Cristo estão para o Novo Testamento – o ato central, definitivo, pelo qual Deus intervém para salvar seu povo. O Antigo Testamento ilustra como os atos redentores de Deus exigem uma resposta do seu povo. A proclamação dos atos salvadores de Deus no êxodo era a função principal do culto de Israel. O culto cristão centraliza-se no ato salvador de Deus em Cristo. A intervenção salvadora de Deus no êxodo formou a base tanto do chamado profético à obediência (Os 13.4) como do anúncio de julgamento contra os que violassem a aliança. Hoje o ato salvador de Deus em Cristo forma a base para o chamado à vida cristã (Rm 6.1-14).

Os atos salvadores de Deus no passado deram a Israel à esperança de que Deus interviria para salvar no futuro (Is 11.16; Mq 7.15). Assim também, o ato salvador de Deus em Cristo é a base para a esperança cristã.



LIÇÃO 3

LEVÍTICO

“Santidade e Expição”



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

APRESENTAÇÃO

O nome de “Levítico” foi dado, ao terceiro livro de Moisés, pela antiga tradução grega, a Septuaginta quando o traduziram da linguagem original, o idioma hebraico, para o idioma grego que intitulou a composição Leueitikon ou seja, (O Livro dos Levitas). No hebraico o nome é: “Va-yich-rah”, e significa: “E Ele chamou”.

O último versículo de Levítico localiza o livro em seu contexto nas Escrituras. Uma tradução ampliada ilumina melhor o contexto: “Estes são os mandamentos [obrigações prescritas pela aliança] que o SENHOR [Javé, o Deus da aliança] deu a Moisés [o mediador da aliança] no monte Sinai [o local da aliança] para Israel [o povo da aliança]” (27.34).

Não se pode compreender Levítico à parte do desejo e do propósito de Deus estar com o povo de sua aliança. No relato do embate entre Moisés e o faraó em Êxodo 4 – 12, Deus exigiu várias vezes que Israel tivesse liberdade para cultuá-lo (4.23; 7.16; 8.1; 9.1; 10.3; 12.31). No sentido real, o livramento do êxodo estava incompleto até Israel iniciar a cultuar a Deus no Sinai (Êx 3.12), cumprindo assim o alvo de Deus para o êxodo.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

APRESENTAÇÃO

Israel foi libertado da escravidão egípcia e conduzido a uma nova relação de aliança com Deus exatamente para que tivesse liberdade de culto. Mas como um Deus santo poderia permanecer com um povo desobediente e rebelde? Êxodo 34–40 e o livro de Levítico respondem a essa pergunta.

Levítico foi escrito para o povo redimido, a fim de instruí-lo como aproximar-se de Deus e como adorá-lo. Em Gênesis, vemos o homem arruinado; em Êxodo, o homem redimido; e em Levítico, o homem adorando. Todas as figuras falam da adoração enquanto as de Êxodo dizem respeito à redenção. Levítico é, por excelência, o livro da adoração.

Uma das palavras chave do livro é “Santo”. Aparece 87 vezes. A outra palavra chave é “Expição,” e aparece pelo menos 45 vezes. O problema é: Como pode um pecador aproximar-se de um Deus Santo? Como terá acesso a Deus? Quem decidirá tal questão? Somente Deus. Outra mensagem do livro, que nos surpreende, é a insistência na santificação a par da santificação da alma e do espírito. Levítico ensina que os remidos devem ser santos porque seu Redentor é Santo.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

PROPÓSITOS

O propósito geral do livro de Levítico era comunicar a maravilhosa santidade do Deus de Israel e delinear os meios pelos quais o povo poderia ter acesso a ele. Nisso está em harmonia com o grande tema central da aliança no Pentateuco, tema que descreve o relacionamento entre o Senhor e Israel. O abismo entre o povo e seu Deus só podia ser vencido pela confissão da indignidade e por uma profunda submissão aos ritos e cerimônias prescritos por Deus como pré-requisitos para comunhão.

Para ser uma nação santa, Israel necessitava de um meio pelo qual essa santidade – ou separação – pudesse ser mantida. Israel necessitava de um conjunto de orientações que estipulassem cada aspecto daquele relacionamento entre a nação e seu Deus. O povo de Deus tinha de aprender a relação entre a santidade como posição e a santidade como condição. Como posição, santidade significa separação de uma pessoa, objeto ou instituição para uso de Deus. As pessoas e coisas que ele santifica e as declara santas devem também manifestar retidão moral. O código de santidade de Levítico destaca a santidade como uma condição moral.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

O SISTEMA DE SACRIFÍCIOS

- O Significado

Para os fiéis do Antigo Testamento, os mandamentos de Deus foram dados na lei de Moisés. Entre eles havia instruções sobre como aproximar-se de Deus em rituais de culto e arrependimento. O ritual que não brota de corações dedicados a Deus é inútil (Pv 15.8; Is 1.11-17; Os 6.6; Am 5.21-24). Israel tinha a tendência de negligenciar a justiça, a misericórdia e a fidelidade, “os preceitos mais importantes da lei” (Mt 23.23; cf. Mq 6.6-8), satisfazendo-se com o ritual.

Sacrifícios eram uma parte secundária, mas vital da religião israelita. Por meio deles, Israel expressava a fé e aprendia a natureza de um Deus santo, de uma humanidade pecadora e da necessidade da expiação. O povo também recebia perdão (Lv 1.4; 4.20, 26, 31, 35; 5.10, 16) baseado no sacrifício definitivo de Cristo (Rm 3.25; Hb 9.9-10; 10.1-4).



O SISTEMA DE SACRIFÍCIOS

- As Ofertas

A oferta mais comum em Israel era o holocausto (Lv 1). Ele era apresentado pelos sacerdotes todas as manhãs e tardes e, como maior frequência, em dias sagrados. Sua principal distinção era o fato de o animal ser inteiramente consumido pelo fogo do altar. Em resposta da oferta fiel, apaziguava-se a ira de Deus; e o adorador seria aceito, liberto da punição, pelo pagamento de um resgate.

O sacerdote devia comer uma porção das outras ofertas (acompanhado pelo adorador com a oferta pacífica, Lv 3). A oferta pelo pecado ou de purificação (Lv 4.1-5.15) servia para purificar o santuário, de maneira que Deus pudesse continuar a habitar com um povo pecador. A oferta pela culpa ou de reparação acompanhava a compensação exigida no caso de certos pecados. As ofertas de comunhão ou ofertas pacíficas eram singulares pelo fato de serem opcionais. Finalmente, as ofertas de manjares acompanhavam os holocaustos diários ou eram apresentadas independentemente, em ação de graças pelas colheitas.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

O SISTEMA DE SACRIFÍCIOS

- A Necessidade de Sacrifício (1-7)

A primeira divisão principal de Levítico (cap. 1-7) trata da natureza do propósito e do ritual do sacrifício. A declaração concisa que conclui essa divisão (7.37-38) situa todo o sistema sacrificial no contexto da aliança de Deus com Israel no monte Sinai.

Deus libertou Israel da escravidão egípcia, para que fosse livre para cultuar. Levítico 1-7 instruía Israel sobre como cultuar devidamente a Deus. Deus deseja comunhão com seu povo. A rebelião dos israelitas, porém, transformou o relacionamento contínuo num problema para um Deus santo. Levítico 1-7 apresenta aqueles sacrifícios que possibilitavam uma comunhão renovada entre Deus e seu povo.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

O SISTEMA DE SACRIFÍCIOS

- Sacerdotes e Ofertas (6.8 – 7.38)

Levítico 6.8-7.36 é um breve “manual de instruções para sacerdotes” para instruir esses ministros do culto acerca dos rituais adequados para sacrifícios e ofertas. A lei do holocausto (6.8-13) exigia que o fogo do altar fosse mantido aceso dia e noite. O fogo contínuo simbolizava a necessidade permanente de sacrifícios para expiar os pecados do povo. A lei das ofertas de grãos (6.14-23) e das ofertas pelo pecado (6.24-30) repete a instrução anterior (caps. 2 e 4), mas da perspectiva dos sacerdotes. As atribuições sacerdotais na oferta pelo pecado (7.1-10) e ofertas pacíficas (7.11-36) especificam de maneira bem detalhada a porção do sacrifício que caberia aos sacerdotes.

Levítico 7.37-38 resume todo o sistema da aliança mosaica no monte Sinai.



A NECESSIDADE DE SACERDOTES

- A necessidade de Mediadores Sacerdotais (8 – 10)

A função de Moisés como mediador em favor de Israel (Êx32.30-32; 33.12-17; 34.8-9) destaca a necessidade de mediadores constituídos por Deus para continuar seu ministério de intercessão ao longo da história de Israel. Êxodo 28 – 29 especifica que esses mediadores serão os sacerdotes. A segunda parte principal de Levítico, caps. 8 – 10, descreve o estabelecimento do sacerdócio em resposta a essa necessidade.

- A Consagração de Sacerdotes (8.1-36)

Moisés convocou toda a congregação para que se reunisse diante do tabernáculo onde testemunharia a consagração de Arão e seus filhos ao sacerdócio. A ornamentação deles pelas vestes e outros acessórios lhes fornecia identidade e falava simbolicamente do significado e da função de seu ofício. Eles foram então ungidos. E em favor deles Moisés ofereceu um sacrifício pelo pecado, uma oferta queimada, e uma oferta de consagração que simbolizava a dedicação total de Arão e seus filhos ao ministério sacerdotal.

LIÇÃO 3: LEVÍTICO

A NECESSIDADE DE SACERDOTES

- O Serviço dos Sacerdotes (9.1-24)

Depois de devidamente separados, Arão e seus filhos podiam oferecer sacrifícios, e assim fizeram, assunto que ocupa Levítico 9. O propósito desses primeiros sacrifícios era colocar em vigor a unidade entre Deus e seu povo. A grande variedade de ofertas, pelo povo e pelos sacerdotes, atesta a importância desse dia específico. O dia devia marcar a manifestação do Senhor entre eles, manifestação que exigia deles total dedicação e pureza.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

A NECESSIDADE DE SACERDOTES

- O Fracasso dos Sacerdotes (10.1-20)

O ritual do serviço e dos sacrifícios sacerdotais deve ser executado exatamente de acordo com a prescrição de Deus, e isso se destaca em Levítico 10. Uma falha nessa questão implicava severíssimo julgamento. Dois dos filhos de Arão, Nadabe e Abiú, ofereceram “fogo estranho” diante do Senhor no altar de incenso. O “fogo estranho” talvez fosse o fogo como utilizado num culto estrangeiro. O que fica claro é que a violação da exigência de Deus de ser glorificado provocou sua rápida vingança. Arão e seus dois filhos sobreviventes tiveram de permanecer no tabernáculo para completar as ofertas descritas no capítulo 9. O fato de eles deixarem de comer aquelas partes dos animais que lhes cabiam desagradou a Moisés. Ao ouvir a explicação de Arão de que temia ofender ainda mais ao Senhor (10.19). Moisés compreendeu e ficou satisfeito.



A NECESSIDADE DE UM VIVER SANTO

A divisão maior do livro de Levítico (Cap. 17-25) é às vezes intitulada “código de santidade” porque contém uma relação detalhada das regras variadas a respeito da obtenção e manutenção da santidade em Israel. As divisões anteriores de Levítico preocupavam-se principalmente com a santidade como “posição”. Nos capítulos 17-25 (especialmente no cap. 19), a atenção converge para a santidade como condição moral.

- **Sacrifício e Sangue (17.1-16)**

Uma vez que o sangue equivalia à própria vida e era o meio ordenado por Deus para realizar a expiação, nenhum animal podia ser morto fora do tabernáculo. No antigo Oriente, não se matava simplesmente pela carne. Para Israel, abater carne fora dos recintos era derramar sangue para território estranho e, talvez deuses estranhos. Os cristãos de Corinto enfrentaram problema semelhante com respeito à carne abatida em um ambiente pagão (1Co 8.10). Como metáfora da vida, o sangue era sacrossanto e não só a animais oferecidos em sacrifício, mas também a caças selvagens e a outros animais comestíveis (17.14-16).

LIÇÃO 3: LEVÍTICO

FESTAS E FESTIVIDADES DE ISRAEL

Para os antigos hebreus, o culto público talvez não estivesse centrado nas ofertas sacrificiais mais familiares, mas nas grandes festas anuais. Essas festividades eram parte essencial da vida do Antigo Testamento, e vitais para o entendimento de boa parte do Novo Testamento.

Todas as observâncias anuais judaicas, exceto do Dia da Expição, eram ocasiões festivas.

- O Sábado (Lv 23.5)

O sábado era a festa religiosa mais importante para os hebreus por ser semanal. O sábado comemora não só o descanso de Deus após a criação (Ex 20.11), mas o fato de Deus tê-los libertado da escravidão egípcia (Dt 5.15).



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

FESTAS E FESTIVIDADES DE ISRAEL

- A Páscoa (Lv 23.4-5)

O nome “Páscoa” indica livramento da décima praga no Egito, a morte dos primogênitos. A observância recai na primavera, no início da colheita da cevada. Ela comemora o êxodo do Egito, juntamente com o Pentecoste e os Tabernáculos, a Páscoa era uma das festas anuais de peregrinação (Dt 16.16).

- Dos Pães Asmos (Lv 23.6-8)

Essa observância de sete dias logo após a Páscoa relembra a pressa dos israelitas ao partir do Egito. Juntas, as duas festas formavam uma comemoração de oito dias, algo como nosso Natal e Ano-Novo.

- As Primícias (Lv 23.9-14)

As primícias implicavam a oferta do primeiro feixe de grãos colhido. Isso simbolizava que toda a colheita pertencia ao Senhor e que esta era uma dádiva de sua mão.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

FESTAS E FESTIVIDADES DE ISRAEL

- As Semanas (Lv 23.15-21)

Essa festa acontecia sete semanas após a festa dos pães asmos. Era uma festa de colheita de grãos (trigo). O povo lia o livro de Rute e recitava os Salmos. O Novo Testamento dá o nome de “Pentecostes” a essa festa, em virtude da palavra no idioma grego significar cinquenta.

- As Trombetas (Lv 23.23-25)

O início do ano civil era marcado por essa festa de dia de Ano-Novo. Era um dia de descanso, de assembleia santa, comemorado com toques de trombetas e ofertas ao Senhor.

- Dia da Expição (Lv 23.26-32)

Essa observância, em muitos sentidos a atividade mais importante no ano, era um jejum solene. Era o único dia no ano em que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos no tabernáculo ou no templo. Nessa ocasião, o bode(emissário e expiatório) era enviado ao deserto, simbolizando a exclusão dos pecados do povo.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

FESTAS E FESTIVIDADES DE ISRAEL

- Tabernáculo ou Cabanas (23.33-43)

Essa festa de colheita de frutas, no outono, era a época mais alegre do ano e durava sete dias. Alguns dizem que era a ocasião para renovação da aliança.

- Ano Sabático (Lv 25.1-7, 20-22)

A cada sete anos, a terra devia ter um ano de descanso. Os campos não eram cultivados. As vinhas não eram podadas.

- O Ano do Jubileu (Lv 25.8-17, 23-55)

O quinquagésimo ano era também especial. As terras precisavam ser devolvidas à família que fosse sua proprietária original. Os escravos hebreus e suas famílias deviam ser libertados. A terra recebia novo descanso.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

FESTAS E FESTIVIDADES DE ISRAEL

O Purim (Et 9.20-28)

Essa festa, não mencionada na lei mosaica, é descrita no livro de Ester. Foi estabelecida por Mordecai para comemorar o acontecimento de terem sido livrados da ameaça de Hamã. A festa era celebrada com comida e presentes para os necessitados. (Pode ser considerada igual ao nosso natal).

- Hanukkah

Essa festa foi estabelecida logo antes do período do Novo Testamento. Ela celebrava a recuperação e a purificação do templo de Jerusalém por Judas Macabeu em dezembro de 164 a.C. João 10.22 dá-lhe o nome de “Festa da Dedicção”. Também é chamada Festa das luzes.



LIÇÃO 3: LEVÍTICO

A MENSAGEM PARA HOJE

O livro de Levítico, sem dúvida, é um dos mais negligenciado do Antigo Testamento, exatamente porque os cristãos de hoje não conseguem ver sua importância para a vida atual.

Quando, porém, se percebe que seus principais temas ou ideais – a santidade de Deus, sua aliança com seu povo e as conseqüentes exigências de um viver santo – são eternos e irrevogáveis, torna-se imediatamente clara a pertinência do livro.

Deus escolheu Israel para ser seu povo e servo, e representante de si mesmo e de seus propósitos salvadores sobre a terra. Esse mesmo Deus redime hoje, em Jesus Cristo, um povo para servir em função equivalente.

Os sacrifícios, rituais, cerimônias e dias santificados podem ter perdido sua condição legal para a igreja, mas os princípios de santidade por eles incorporados e demonstrados são princípios que devem caracterizar o povo do Senhor de todas as gerações, caso queira servir a ele de maneira efetiva como sal e luz.





LIÇÃO 4

NÚMEROS

Serviço, Trabalho,
Guerra e Jornadas



LIÇÃO 4: NÚMEROS

APRESENTAÇÃO

Números é o nome pelo qual, geralmente, é conhecido o quarto livro de Moisés. É assim chamado porque registra os dois censos de Israel: um, em Sinai, capítulo 1 e outro em Moabe capítulo 26. No original do idioma hebraico seu nome é “B’ midbar,” ou (bemidbar) e significa: – “no deserto” título mais adequado aos relatos do livro, que põem em evidência as viagens, peripécias e experiências dos israelitas no deserto. Sendo assim a maneira mais adequada de descrever seu conteúdo: um tratado inteiramente ambientado nos desertos do Sinai, Neguebe e Transjordânia.

O último versículo de Números resume o todo ao citar: “São estes os mandamentos e os juízos que ordenou o SENHOR, por intermédio de Moisés, aos filhos de Israel nas campinas de Moabe, junto ao Jordão, na altura de Jericó” 36.13. Moisés havia liderado os israelitas desde o monte Sinai até a entrada da terra prometida. O versículo final dá a entender que números instrui Israel a respeito dos pré-requisitos para obter posse da terra prometida e desfrutá-la. Parte do livro tem caráter histórico, e legislativo. É o livro da peregrinação, da guerra, do serviço, e, infelizmente, das faltas.



A MENSAGEM

O livro tem uma tríplice mensagem:

1) Um dos pensamentos principais é “serviço”. É a mensagem que encontramos bem à sua entrada. O povo do Senhor é salvo para servir. Notemos quanto têm de significativo na ordem das mensagens dos quatro primeiros livros da Bíblia: em Gênesis, o homem caído arruinado, em Êxodo, já redimido para, em Levítico, adorar e, assim, em Números, poder servir. É esta a ordem divina, somente uma alma salva, e que adora ao senhor, está qualificada para Seu serviço.

2) Na segunda mensagem, o pensamento central é “ordem”. Ordem, indispensável, no serviço e no viver! A ordem é a primeira lei do céu. Notamos aqui a organização do acampamento e do serviço do Tabernáculo. E, nessa ordem, Deus desejava que o Seu povo sempre andasse.

3) A terceira mensagem trata da falta do povo de Deus, que assume graves proporções. Falta oriunda da incredulidade! Mas, graças a Deus nem tudo foi falta. Na última, seção do livro, Israel surge, vitorioso, restaurado ao favor de Deus.



LIÇÃO 4: NÚMEROS

PROPÓSITOS

O material diversificado de Números indica um objetivo comum – a posse da terra prometida por Deus aos patriarcas. Números inicia com um censo que revela que Deus havia abençoado Israel com a força necessária para a conquista da terra prometida. A organização para o culto, as instruções para manutenção da pureza do povo de Deus e a construção do tabernáculo possibilitavam a habitação de Deus com esse povo – condição necessária para a obtenção da terra. A providência de Deus em indicar Josué como sucessor de Moisés preparou as condições para o sucesso na conquista da terra.

Números fala dos sucessos e fracassos de Israel na maneira de viver a aliança enquanto rumavam para a terra da promessa. O deserto tornou-se campo de provas, uma arena em que Israel teve oportunidade de manifestar seu compromisso com o Deus que o havia chamado e comissionado.



O TABERNÁCULO

O tabernáculo era um santuário portátil. Ele serviu ao povo hebreu como centro de culto durante os anos de peregrinação no deserto, durante a conquista de Canaã, no estabelecimento na terra e no início da monarquia. A palavra tabernáculo vem da Vulgata Latina. Ela significa tenda ou cabana de madeira. O termo no idioma hebraico traduzido por “tabernáculo” significa habitar. Assim, o tabernáculo representava a presença do senhor com seu povo peregrino.

- Sua Importância

Êxodo 25 – 31 contém instruções ao povo sobre como construir o tabernáculo. Êxodo 35 – 40 relata que o povo construiu exatamente como ordenado. Treze capítulos dentre os quarenta, praticamente um terço do livro de Êxodo, dizem respeito da construção do tabernáculo. (se incluíram muitos detalhes de mobília, rituais e atividade sacerdotal, complementando a construção).



LIÇÃO 4: NÚMEROS

O TABERNÁCULO

- O Projeto

O tabernáculo era uma tenda pequena, pré-fabricada feita de estrutura de madeira e cortinas bem trabalhadas. Ele era armado numa área externa que media 45 x 22 metros. A área era formada por um cercado de postes e cortinas.

A tenda ficava voltada pra o leste e media 13,5 x 4,5 metros. O primeiro recinto, o lugar santo, media 9 x 4,5 metros. O Santo dos Santos (o lugar mais santo de todos) era em forma de cubo, medindo cada lado 4,5 metros.

- A Mobília

Seis peças de mobília estavam associadas ao tabernáculo. Em frente da tenda, mais próximo da cerca externa, ficava o grande altar de bronze sobre o qual os sacerdotes ofereciam os sacrifícios. Por trás ficava o lavatório ou bacia para a purificação cerimonial.



LIÇÃO 4: NÚMEROS

O TABERNÁCULO

- A Mobília

Dentro do lugar santo, junto da parede norte, ficava a mesa dos pães da proposição (pães da presença) Alguns pensam que se tratava do reconhecimento da liberalidade do Senhor em prover alimento para seu povo. No lado sul do lugar santo, ficava o candelabro de sete braços para lâmpadas (não velas).

Junto das cortinas que separavam as duas divisões do tabernáculo, ficava um segundo altar menor, o altar do incenso.

Dentro do Santo dos Santos, ficava a arca da aliança. A arca era um baú recoberto de ouro. Sua tampa era uma prancha de ouro maciço chamado propiciatório. Sobre ele ficavam os querubins (em pé ou ajoelhados, dependendo da interpretação).

O propiciatório era o ponto exato em que o Senhor era entronizado e onde descia para encontrar-se com o povo.



O TABERNÁCULO

- Seu Significado

Em Êxodo 25.8, Deus instruiu Moisés: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles”. Alguns comentaristas encontram o significado cristão em cada detalhe da construção do tabernáculo. Essa abordagem não deve ser exagerada, para não perdermos de vista o objetivo principal: a presença do Senhor. O Novo Testamento aplica essa imagem da presença de Deus no tabernáculo na presença de Jesus com seus primeiros discípulos: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”.

A carta aos Hebreus aplica com frequência a imagem do sacerdote servindo no tabernáculo da obra salvadora de Cristo (Hb 6.19-20; 8.2; 9.24: 10.19-20). Porque Cristo morreu por nós e intercede por nós, os cristãos têm acesso na presença de Deus.

No Antigo Testamento, só os sacerdotes podiam entrar no recinto do tabernáculo. Os adoradores leigos precisavam permanecer fora da cerca externa, a menos que tivessem permissão para levar seus sacrifícios até o altar logo na entrada.



LIÇÃO 4: NÚMEROS

O TABERNÁCULO

- A Construção do Templo

A importância desse evento na vida de Israel manifesta-se por sua datação cuidadosa e pela descrição minuciosa do plano arquitetônico do templo. A data é o quarto ano do reinado de Salomão (966 a.C.). (Vide as “Datas do Êxodo”). Entre a descrição dos aspectos externos do templo (1Rs 6.2-10) e sua luxuosa mobília (6.14-36) o autor destacou a promessa do Senhor de abençoar Salomão (6.11-13). A construção levou sete anos e meio (6.37-38).



PECULIARIDADE DO LIVRO DE NÚMEROS

- Rota Do Êxodo

Indicam-se quatro rotas principais para o êxodo.

1. Uma rota a nordeste, mais curta, através do território filisteu, ao longo do “caminho do mar”.

2. Uma rota intermediária atravessando o Neguebe até Berseba (o caminho de Sur), a rota provável dos patriarcas na viagem para o Egito.

3. O caminho de Seir que levava do golfo de Suez em Edom, hoje no sul do Jordão, rota seguida por peregrinos muçulmanos no bajj para Meca.

4. “O caminho da região montanhosa dos amorreus” (Dt 1.19), rota que levava ao extremo sul da península do Sinai.

Se aceitarmos uma localização meridional para o monte Sinai, então a quarta opção é a adequada para a rota do êxodo. O ponto de parada na jornada de Israel foi Ramessés (Ex 12.37; Nm 33.3, 5), uma das cidades-celeiro na região leste do delta do Nilo. A melhor identificação desse lugar é Qantir, no braço leste do delta do Nilo.



PECULIARIDADE DO LIVRO DE NÚMEROS

- A Viagem Do Sinai a Cades-Barnéia (10.11 – 12-16)

Moisés convidou seu cunhado para ser o guia de Israel. Hobabe conhecia bem o deserto e sabia onde estavam os mananciais, os oásis e os melhores locais para acampar. O convite mencionava dois motivos pelos quais Hobabe devia unir-se a Israel: “E te faremos bem; porque o Senhor falou bem sobre Israel”, e “de olhos nos servirás”. A primeira apelava para o próprio interesse de Hobabe, e a segunda para seu desejo de ser útil, de fazer algo grande para o bem de outros. Conquanto Hobabe não o tenha aceitado no princípio, evidentemente mudou de ideia e acompanhou Israel porque encontramos referência a seus descendentes em Canaã na época dos juízes (Jz 1.16; 4.11).



PECULIARIDADE DO LIVRO DE NÚMEROS

- O Descontentamento do Povo e o Desânimo de Moisés (Cap. 11)

Sem dúvida os hebreus sofriam por causa do sol abrasador, das privações e dos perigos, mas, era isso desculpa para ingratidão, irritação e espírito rebelde? Quão depressa se esqueceram da dura escravidão do Egito e do milagroso livramento operado por Deus! Entra-se em parte a causa do descontentamento (11.4).

Como os mundanos que estão na igreja de hoje, os estrangeiros ainda cobiçavam em seus corações as coisas do Egito. Fomentaram, sem dúvida, o descontentamento em muitos dos episódios da passagem pelo deserto.

PECULIARIDADE DO LIVRO DE NÚMEROS

- **As Críticas de Miriã e Arão (Cap. 12)**

Embora Miriã e Arão falassem contra Moisés por causa da mulher estrangeira com quem ele se casara, o motivo verdadeiro encontra-se em (12.2). Não estavam contentes em ocupar o segundo posto em Israel, na semelhança de muitos perturbadores, esqueceram-se de que Deus os escutava. A seguir Deus feriu Miriã com a lepra. A intercessão de Moisés foi recompensada com a cura de Miriã, porém ela teve de ser expulsa do arraial por sete dias, como uma advertência de quão grave é criticar os servos do Senhor.

PECULIARIDADE DO LIVRO DE NÚMEROS

- A Rebelião de Coré (Cap. 16)

O motivo da rebelião de Coré foi a contestação da autoridade religiosa de Arão e o desafio de Datã e Abirão ao governo de Moisés constituem uma das ameaças mais sérias que os líderes tiveram de enfrentar porque abrangia dois aspectos: o religioso e o político. Coré era levita, e parece que cobiçava o sacerdócio (16.10). Datã e Abirão, por serem descendentes de Rúben, primogênito de Jacó, pensavam que a autoridade civil pertencia a eles. As duas facções formaram uma aliança político religiosa e conseguiram o apoio de duzentos e cinquenta príncipes de Israel.

O terrível juízo de Deus sobre os rebeldes demonstra quão grave é levantar-se contra as autoridades que Deus pôs sobre a congregação.

A narração da rebelião de Coré lança luz sobre o modo pelo qual os servos de Deus devem atuar em semelhantes situações:



PECULIARIDADE DO LIVRO DE NÚMEROS

- A Prova das Varas (Cap. 17)

Conquanto Deus já tivesse dito que somente a família de Arão e seus descendentes serviriam como sacerdotes (16.40), deu a Israel prova adicional da superioridade da tribo de Levi e da família de Arão em assuntos religiosos: a vara de Arão floresceu.

A vara era tida como símbolo de autoridade e preeminência, um cetro. Posto que a vara não podia reverdecer por si própria, a prova demonstrou que o sacerdócio de Arão não se baseava em seus dons naturais mas na eleição de Deus. A vara foi colocada no tabernáculo para lembrar continuamente aos hebreus que a autoridade de Deus é soberana quanto ao sacerdócio.

C.I. Scofield, em sua versão anotada da Bíblia, narra a semelhança entre o florescimento da vara de Arão e a ressurreição de Jesus Cristo. Destaca que a ressurreição foi a prova de Deus de que Cristo é o sumo sacerdote escolhido por Deus.



EXPERIÊNCIAS NA VIAGEM PARA MOABE

- O Pecado de Moisés e Arão (Cap. 20.1-13)

O salmo 106.32, 33 fala que os israelitas o indignaram e “irritaram o seu espírito, de maneiras que falou imprudentemente com seus lábios”. Deus lhe havia dito a instrução de falar a rocha da qual sairia a água, porém Moisés perdeu a paciência e irou-se. Em vez de falar a rocha, falou com ira ao povo e a seguir feriu a rocha duas vezes. Não somente desobedeceu a Deus, mas se arrogou o poder de operar milagres dizendo: “Tiraremos água...” Não santificou a Deus (27.14).

Deus denominou esta atitude de Moisés como incredulidade e rebelião (20.12; 27.14). Já não tinha a mesma paciência com o povo e compaixão por ele como havia tido. Fracassou em seu ponto mais forte: sua mansidão. Arão abrigou a mesma atitude, de modo que Deus lhes deu o mesmo castigo imposto ao restante daquela geração. Deus suscitaria outro líder para fazê-lo. Arão morreu dentro de pouco tempo e Moisés chegou apenas até na fronteira de Canaã.



EXPERIÊNCIAS NA VIAGEM PARA MOABE

- A Serpente de Bronze (21.4-9)

Visto que os edomitas não deram passagem a Israel, os israelitas tiveram de rodear a terra de Edom tomando um caminho longo em um “grande e terrível deserto” (Dt 8.15). Desanimados pelas dificuldades da viagem, os israelitas voltaram a murmurar. Deus castigou-os enviando serpentes ardentes e venenosas que morderam o povo.

Jesus Cristo referiu-se a este acontecimento como semelhante à sua obra na cruz (Jo 3.14-16). Mas, como é que a serpente, símbolo de Satanás e do mal, pode ser símbolo de Jesus Cristo? Na realidade, não é uma figura de nosso Senhor, mas do pecado carregado sobre Cristo na cruz (2Co 5.21). A imagem da serpente morta e impotente, levantada na haste, simboliza a destruição do pecado e do castigo da lei (Cl 2.14, 15). Na ótica de Deus, o homem está envenenado e agoniza no deserto deste mundo. Mas o inimigo foi destruído na cruz e o aguilhão do pecado foi retirado (1Co 15.55, 56). Um olhar de fé ao Doador da saúde e da vida traz o remédio espiritual.



EXPERIÊNCIAS NA VIAGEM PARA MOABE

- Balaão (Caps. 22 – 25)

O capítulo 25 narra que ao fracassar de sua intenção de prejudicar a Israel mediante a maldição, Balaão recorreu a outro stratagem. Aconselhou Balaque a induzir os israelitas a participar das festas religiosas dos midianitas e a cometer fornicção com eles (daí surgindo a doutrina de Balaão) (Ap 2.14). Ele sabia que Deus julgaria essa falta de santidade e assim Balaão conseguiria seu intento perverso.

- Nomeação do Sucessor de Moisés (27.12-23)

Moisés pediu que Deus pusesse “um homem... que saia diante deles, e que entre diante deles”, uma expressão no idioma hebraico que se aplicava a uma pessoa capaz de iniciar e terminar com êxito as tarefas que empreendesse. Deus designou a Josué, “homem em quem há o espírito”. Fazia muito tempo que Josué havia estado com Moisés ajudando-o como seu braço direito. Agora assumiu sua responsabilidade. Por que era necessário que Eleazar confirmasse a eleição do novo líder Josué? Isto foi ordenado para dissipar toda dúvida de que a eleição vinha de Deus.

A MENSAGEM PARA HOJE

Deus desejava o melhor para os antigos israelitas – dar-lhes uma bela terra como lar. Assim também, Deus deseja o melhor para as pessoas hoje. As pessoas, porém, têm livre escolha – ou aceitam a oferta de Deus de amor ou desprezam as promessas de Deus. Os israelitas que deixaram o Egito rejeitaram a dádiva de Deus e morreram no deserto. Assim também, aqueles que hoje rejeitam a oferta generosa da salvação em Cristo correm seu risco.

A história da peregrinação de Israel, partindo do Sinai, o lugar de seu compromisso inicial com Deus, até as planícies de Moabe, onde Israel manifestou-se disposto a concretizar todas as promessas de Deus, lança luz sobre a experiência cristã. É evidente que Israel, como os fiéis de hoje, experimentou tempos de fracasso abismal. As frequentes murmurações de Israel contra Moisés (e contra Deus) ilustram como o povo de Deus não se satisfazia e não se satisfaz com o que devia ser nosso máximo prazer – experimentar o cuidado e a direção de Deus em nossa vida. Israel, com saudades dos bons tempos no Egito, ilustra que os prazeres do pecado continuam atraente mesmo aos que foram redimidos por Deus.





LIÇÃO 4

DEUTERONÔMIO

Obediência



LIÇÃO 4: NÚMEROS

APRESENTAÇÃO

Deuteronômio é o quinto livro de Moisés. Seu nome significa “A Segunda Lei”, surgiu da tradução dada pela Septuaginta a frase do idioma hebraico que significa um traslado desta lei (Dt 17.18). Sendo assim, Deuteronômio não é uma segunda lei, mas uma ampliação da primeira, dada no Sinai. O título no idioma hebraico é; “estas são as palavras”. Israel havia completado quase quarenta anos de peregrinação pelo deserto e estava para entrar na terra de Canaã e ocupá-la. A antiga geração rebelde havia morrido.

A exceção de Calebe e Josué, todos quantos saíram do Egito e receberam as leis no Monte Sinai, não mais existiam, daí a necessidade de dar à nova geração, com toda a ênfase essa repetição. Dessa tarefa se desincumbiu Moisés, numa série de discursos nas planícies de Moabe, no fim de 40 anos de jornada errante e exatamente um mês antes da travessia do Jordão pelos israelitas para se apossarem da terra prometida. Esses discursos dirigidos oralmente, ao povo (1.1-3; 34.1-8), foram posteriormente escritos e reunidos em forma de livros (31.24-26).



LIÇÃO 4: NÚMEROS

O LIVRO USADO POR JESUS

Poderia supor que este livro tenha merecido particular estima da parte de Jesus Cristo, nosso adorável Senhor, durante sua infância, mocidade e vida de varão, pois no conflito que manteve com o tentador (Mateus 4.1-11, Lucas 4.1-13 com Dt. 8.3, 6.16 e 10.20) todas as citações eram deste livro. A julgar pelas muitas citações que aparecem nos livros dos profetas, devia ter sido o livro favorito deles também.

A MENSAGEM

O que significaria para Israel ser povo de Deus no contexto da conquista e do estabelecimento na terra? Que privilégios e responsabilidades implicariam essa condição de povo escolhido para aquela geração de Israel e para gerações futuras do povo de Deus?



PROPÓSITOS

O livro de Deuteronômio primeiro declara novamente a aliança entre Javé e Israel para a geração reunida nas planícies de Moabe antes da conquista de Canaã sob o comando a liderança de Josué. A maior parte da geração que havia escutado e aceitado a aliança no Sinai, trinta e oito anos antes, estava morta (Dt 2.14; cf. Nm 14.34). Seus filhos precisavam agora escutar a aliança por si, confirmando lealdade a ela (Dt 4.1-2; 5.1-5). As instruções para confirmação futura da aliança dão a entender que cada geração do povo de Deus tinha de se apropriar da história dos atos salvadores de Deus (26.5-9) e se comprometer novamente com a aliança (26.16-19; cf. 5.3-4).



REPETIÇÃO DOS FRACASSOS DE ISRAEL

Tempo e Lugar (1.1-5)

Os quarenta anos da peregrinação de Israel estavam para completar-se. A geração incrédula já havia morrido. Israel encontrava-se na planície de Moabe, perto do rio Jordão. Aí Moisés se dirige à nova geração que está prestes a apossar-se da terra prometida aos patriarcas. Seus discursos têm o objetivo de preparar o povo para conquistar Canaã e renovar a aliança do Sinai.

Eleição dos Juízes e Cades-Barnéia (1.6-46)

Em seu primeiro discurso Moisés repete a história de Israel iniciando pelo relato da partida de Horebe. Conta como nomeou os juízes. Este relato tinha talvez, o objetivo de lembrar aos israelitas que Deus havia multiplicado grandemente a descendência de Abraão. Era uma prova da fidelidade de Deus que cumpriria sua promessa de entregar aos israelitas a terra de Canaã.



REPETIÇÃO DOS FRACASSOS DE ISRAEL

Vitórias e Divisão do território ao Leste do Jordão (Caps. 2 e 3)

Moisés lembra a Israel que o senhor os havia abençoado em tudo (2.7), havia-os orientado *naquele “grande e tremendo deserto”* e lhes havia concedido vitórias sobre seus inimigos em Seom e Ogue. Por outro lado, não lhes havia permitido atacar os edomitas por serem eles descendentes de Esaú nem aos moabitas e aos amonitas que eram descendentes de Ló. Como Soberano sobre as nações, Deus lhes havia especificado certo território como sua herança.

Exortação à Obediência (4.1-43)

Considerando o que havia acontecido na geração anterior, Moisés apela fervorosamente para Israel a fim de que não cometa o mesmo erro. Se obedecesse à lei viveria e tomaria posse de Canaã.



EXPOSIÇÃO DA LEI

Os Dez Mandamentos e sua Aplicação (4.44 – 11.32)

Os dez mandamentos também conhecido como decálogo eram a base da aliança que o Senhor fez com Israel. Chamam-se “*testemunhos*” (4.45), pois constituem a revelação do caráter, da vontade e do propósito de Deus. A lei declara que Deus é uno e santo. Indica também, o caminho que o homem deve seguir para viver em harmonia com o seu Criador e com o próximo.

O Grande Mandamento (6.4,5)

Deve-se amar a Deus “*de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder (força)*”. Jesus citou-o como o primeiro e grande mandamento. Depois citou de Levítico 19.18 as palavras “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*” a fim de apresentar o âmago da lei e a síntese mais perfeita da verdadeira religião (Mt 22.37-40).



LIÇÃO 4: NÚMEROS

EXPOSIÇÃO DA LEI

A Religião no Lar (6.6-9)

Advertência Contra a Idolatria e Exortações à Obediência (6.10 – 11.32)

Leis Referentes ao Culto e à Vida Santa (12.1 – 16.17)

Deveres Filiais e Religiosos (14.1 – 16.17)

Leis de Justiça e de Humanidade (16.18 – 26.19)



LIÇÃO 4: NÚMEROS

PROFECIAS SOBRE O FUTURO DE ISRAEL

Bênçãos e Maldições (Caps. 27 – 30)

Moisés explica com detalhes minuciosos as bênçãos e as maldições que acompanham o pacto do Sinai e convida a nova geração a renová-lo; todavia, a ratificação final do pacto com o Senhor seria feita em Canaã depois de atravessar o rio Jordão.

A Promulgação da Lei em Ebal (Cap. 27)

Ao entrar na terra prometida, Israel tinha de passar pelo vale entre os montes Ebal e Gerizim. Este vale forma um anfiteatro natural, ideal para proclamar a lei ante uma multidão. Aí deviam apresentar sacrifícios de holocausto e ofertas de paz.

Sanções da Lei, Bênçãos e Maldições (Cap. 28)

Moisés enumera extensamente e com vários detalhes minuciosos as bênçãos e as maldições, de maneira que na entrada dos israelitas na terra prometida a escolha de seu destino estava diante deles. A obediência traria bênção e a desobediência acarretaria maldição.



LIÇÃO 4: NÚMEROS

PROFECIAS SOBRE O FUTURO DE ISRAEL

Último Discurso de Moisés – Convite para Renovar o Pacto (Caps. 29 e 30)

Últimas disposições (31.1-29)

O Cântico de Moisés (31.30 – 33.47)

Moisés Abençoa as Tribos (Cap. 33)

A Morte de Moisés (Cap. 34)



LIÇÃO 4: NÚMEROS

PROFECIAS SOBRE O FUTURO DE ISRAEL

A MENSAGEM PARA HOJE

Deuteronômio foi direcionado especificamente para uma geração mais jovem de Israel prestes a entrar na terra prometida. Entretanto, transmite princípios e verdades teológicas eternas e adequadas para a igreja e ao mundo de hoje. Aquela nova geração de israelitas serve como um modelo de povo de Deus em todos os tempos. Nós, a exemplo deles, somos um povo com um passado em que Deus agiu para nossa salvação e revelou sua vontade para nossa vida. Mas não basta possuir orgulhosamente uma herança de fé. Precisamos também nos dedicar pessoalmente a Deus hoje. Por fim, nós, a exemplo deles, somos um povo com um futuro que depende de nossa fidelidade contínua a Deus

